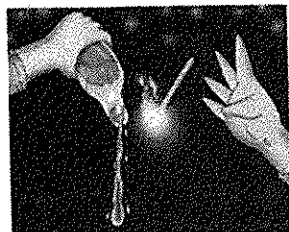


BARBÁRIE



Índio Pataxó estava em Brasília tratando da demarcação de terra para a sua tribo no sul da Bahia, onde há anos vem sendo questionada na Justiça

# Covardia revolta Brasília

Cinco jovens, todos de classe média, ateam fogo em índio Pataxó que dormia em parada de ônibus da W3 Sul

HERBERTH GOMES  
MEMÉLIA MOREIRA

Cinco jovens, filhos de famílias da classe média alta de Brasília, voltando de uma noite e sem indícios de uso de drogas, atearam fogo na madrugada de ontem em Galdino Jesus dos

Santos, 44 anos, um dos líderes da tribo Pataxó Hã-Hã-Hãe que estava em Brasília para negociar questões de terras. Os adolescentes se justificaram dizendo ter confundido o índio "com um mendigo". Galdino está internado no Hospital da Asa Norte em estado gravíssimo, com poucas chances de sobrevivência. Os

adolescentes, entre eles um menor, estão presos, sem direito à fiança.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, que embarcou ontem para o Canadá, foi informado por telefone pelo ministro da Justiça em exercício, Milton Seligmann e reagiu "com irritação e indignação". Seligmann visitou o

índio no hospital e depois esteve na 1ª Delegacia da Polícia Civil. Ele preferiu não ver os autores do crime e disse sentir "asco diante da barbárie". E o governador Cristovam Buarque, depois de ver Galdino e se reunir com os quatro delegados encarregados do inquérito, fez questão de conhecer o local do crime.

## Rapazes usaram solvente para queimar índio

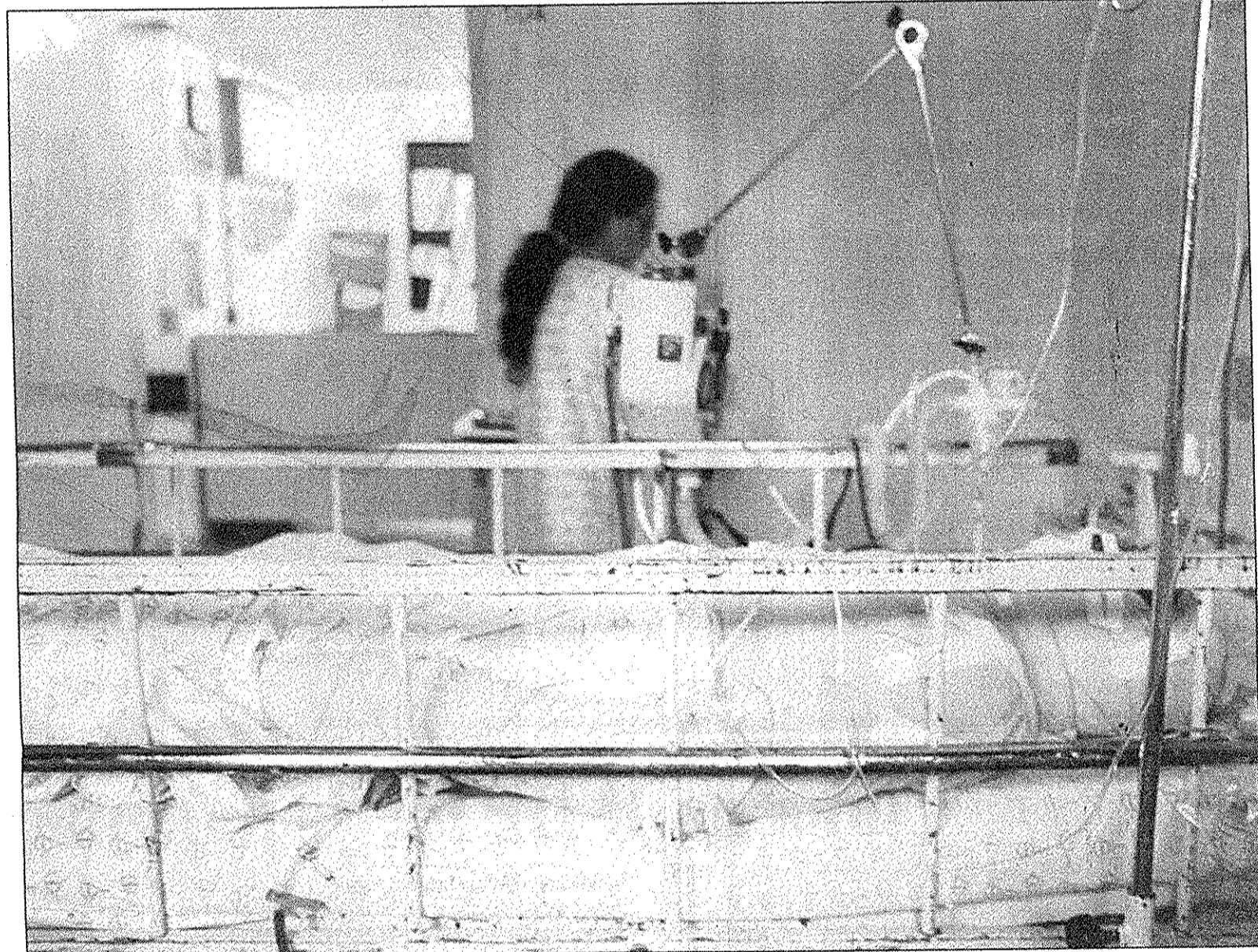
O ato de covardia de cinco rapazes chocou ontem a população de Brasília. Eles atearam fogo no índio Galdino de Jesus Santos, um dos líderes da tribo Pataxó Hã-Hã-Hãe, que dormia em um ponto de ônibus da 703/704 Sul, com solvente de tinta. Galdino teve 95 por cento do corpo queimado e está internado em estado grave no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) com pouca chance de sobreviver, segundo informações dos médicos que o atenderam. Os médicos informam ainda que 85 por cento das queimaduras são de terceiro grau. Só a sola dos pés e o alto da cabeça escaparam.

Os rapazes acusados de terem tocado fogo em Galdino, por volta das 5h00, foram presos em flagrante por policiais da 1ª DP (Asa Sul) e disseram que tudo não passou apenas de uma brincadeira. Eles são Max Rogério Alves, 20 anos, Eron Chaves Oliveira, 19 anos, Tomáz Oliveira de Almeida, 18 anos, o menor G. N. O. A., 16 anos - irmão de Tomáz -, e Antonio Novelty Cardoso de Vilanova, 19 anos, filho do juiz da 4ª Vara da Justiça Federal, Novelty Vilanova da Silva Reis. Todos filhos da alta classe média de Brasília.

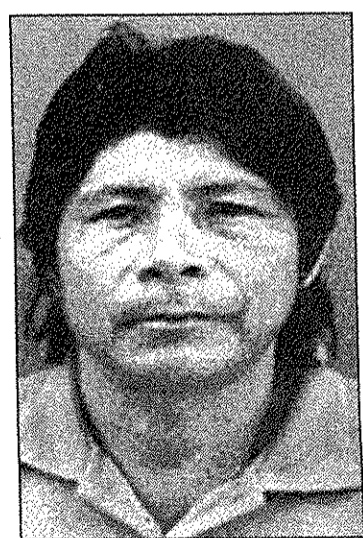
Max e os colegas atearam fogo em Galdino com um solvente (Thiner). Eles estavam no Monza preto, placa JDQ-5807 (DF), que era dirigido por Max. Ele contou à delegada Rosângela Cele Silveira que ao trafegar pela W-3 Sul deparou com Galdino dormindo no ponto de ônibus e pensou que tratava-se de um mendigo. Max parou o Monza e na companhia dos amigos atearam fogo na vítima. Em seguida, retornaram para o veículo e ficaram vendo Galdino se debatendo e gritando.

Nesse momento, passava no local, dirigindo um Opala, Nairo Euclides, que estava acompanhado da namorada Tatiana Basso. O fogo chamou a atenção de Nairo que parou o veículo. Ao perceber a presença do casal, Max e os outros comparsas entraram no Monza e foram seguidos por Nairo que anotou a placa do carro. Ao retornar para o ponto de ônibus, Nairo encontrou outras pessoas providenciando socorro para Galdino, entre elas, Evandro Pertence, filho do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Sepúlveda Pertence. Evandro estava acompanhado da mulher que deixou o local em estado de choque.

Outros motoristas que viram Galdino em chamas, pararam os carros e usaram extintores de incêndio para apagar o fogo. O Corpo de Bombeiros foi acionado e Galdino foi levado para o HRAN. Nairo passou a placa do Monza aos investigadores da 1ª DP. Eles fizeram um levantamento dos dados do veículo e descobriram o endereço de Max. Ele reside na SQS 111, bloco A e foi o primeiro a ser localizado pela polícia. Ao ser levado para a delegacia, ele confessou o crime e forneceu nomes e endereços dos colegas.



Galdino está em estado grave na Unidade de Queimados do HRAN e tem 85% do corpo com queimaduras de terceiro grau



O índio Pataxó Galdino Jesus Santos e quatro dos cinco de seus algozes, que foram presos em flagrante após o crime

## Galdino tem pouca chance de sobreviver

O pai e os primos de Galdino dos Santos saíram da Unidade de Queimados chorando e usando o verbo no passado para se referir ao índio Pataxó que foi barbarizado por cinco adolescentes. "Ele era tão forte, tão bonito e está todo acabado", repetia Juvenaldo Pataxó, pai de Galdino, que tem pouquíssimas chances de sobreviver às queimaduras. Juvenaldo se encontrou com o governador Cristovam Buarque na porta do Hospital da Asa Norte (HRAN) e ouviu do governador a promessa de que até o final do ano Brasília terá uma casa para receber os índios. A casa está sendo construída em Sobradinho.

Juvenaldo, que perdeu seu filho mais velho João Cravin há mais de dez anos, assassinado por fazendeiros do sul da Bahia, não conseguia entender todas as perguntas que lhes foram feitas. E repetia, para quem quisesse ouvir, que até hoje, os responsáveis pelo assassinato de seu outro filho "nunca foram presos". O velho índio, que está em Brasília com líderes do grupo Pataxó para acompanhar os últimos detalhes de recuperação de um território indígena, ganho na Justiça, arregalou os olhos quando lhe contaram que um dos adolescentes é filho de um juiz federal. "É triste", comentou.

Na porta do HRAN, o governador de Brasília, acompanhado da secretária de Saúde, disse que este crime "não foi apenas contra uma pessoa, um índio. Foi contra uma nação, contra Brasília, contra a imagem do Brasil. Um crime contra a humanidade". Cristovam Buarque fez uma rápida análise sobre a barbaridade do comportamento dos adolescentes dizendo que este crime "é consequência do apartheid social que vivemos. É contra os pobres. Os pobres não são considerados seres humanos pelas classes altas". E ouviu o pedido de uma das primas de Galdino. De blusa preta, chorando sem parar, ela dizia que os índios "precisam de ajuda. A gente tem que vir a Brasília ver nossas questões e acontece uma coisa dessa. Na terra da gente eles também matam. Matam a gente em todo lugar. Branco nunca respeita índio".

Ainda na porta do hospital, dois índios da nação Terena queriam saber onde estava o presidente da Funai, Júlio Geiger, que até aquela hora ainda não aparecera. Lá mesmo, outro índio informou que Geiger está na fazenda santa Isabel, em Aquidauana, onde foi passar o fim de semana. O presidente da Funai deve estar de volta a Brasília ainda hoje, informou o ministro da Justiça, Milton Seligmann.

O boletim divulgado no início da noite de ontem pelo HRAN informava que o estado de Galdino continuava inalterado e de "extrema gravidade".

### CRIME

## Vítima dormia no ponto de ônibus

O índio Galdino de Jesus Santos estava hospedado numa pensão, localizada na 703 Sul, conjunto L, casa 54. Depois de passar a tarde na Funai, ele foi passear com outros índios na Torre de Televisão. Segundo o índio Gerson Pataxó, primo de Galdino, ao retornar para a pensão, Galdino se perdeu e somente às 3h00 conseguiu localizar o endereço. Só que a proprietária do estabelecimento não abriu a porta e ele resolveu dormir no ponto de ônibus. Esta é a segunda vez que Galdino

vem a Brasília. Ele chegou na sexta-feira passada e na terça-feira, às 14h30, teria uma reunião na Procuradoria da República para discutir a demarcação das terras, de 36 mil hectares, dos Pataxós Hã-Hã-Hãe, situada no município Pau Brasil, no sul da Bahia. Ele é casado e tem uma filha de 12 anos. Segundo o pai de Galdino, Juvenal Rodrigues Pataxó, que também está em Brasília, o filho é um dos líderes da tribo há 2 anos. Ele esteve no HRAN, onde chegou com os olhos cheios de lágrimas.

Galdino veio a Brasília com mais seis índios. A princípio, ele deveria chegar à cidade somente na segunda-feira. A viagem foi antecipada pelo primo Gerson, que também é líder dos Pataxós. Galdino participou como testemunha, na última sexta-feira, do encontro que líderes do MST teve com o presidente Fernando Henrique Cardoso, no Palácio do Planalto.

Segundo Gerson, Galdino não costuma viajar muito para a cidade. Gerson disse que irá retornar à aldeia e convocar

vários índios para vim a Brasília para protestar contra a atitude dos rapazes que atearam fogo em Gerson. A índia Maura Pataxós, também prima de Galdino, foi mais além: "Temos que matar os homens que tocaram fogo em Galdino. O cacique Samato clama por Justiça".

Ao confessar que ateu fogo em Galdino, Max Rogério Alves estava tranquilo. Se condenado, ele os parceiros poderão ser condenados de 12 a 30 de prisão. (H.G)

# Barbárie e esperança

É doloroso que o 37º aniversário de Brasília seja marcado pela barbárie do ataque a um cidadão a poucos quilômetros do centro de poder. A imolação do índio pataxó Galdino permanecerá na memória da cidade como um atestado de que a violência pode surgir quando menos se espera e sob as mais surpreendentes formas. Quando se poderia imaginar que um grupo de rapazes bem nascidos, integrantes de segmento privilegiado da comunidade, vários deles já trabalhadores, partiriam para a mais covarde das agressões.

Anoite fria do cerrado foi testemunha de um ato nefando, que certamente alcançará repercussão internacional. É possível, provável mesmo, que o ataque a Galdino sequer tenha conotações raciais. Não importa. Em um mundo cada vez mais assolado pela in-

tolerância, especialmente nos países mais ricos, torna-se inevitável que se faça uma associação entre a fúria da agressão e o povo a que pertencia a vítima.

O simples fato de um índio estar condenado a dormir no relento, em plena capital da República instalada na terra de seus ancestrais, demonstra a verdadeira violência. Se o ataque covarde a um cidadão indefeso mostra a face do Mal, ela se revela também no abandono a que Galdino estava relegado. Tanto Galdino quanto muitos e muitos outros de seu povo.

Esse crime, pela violência, pela covardia e principalmente pela gratuidade, merece punição exemplar. Certamente a terá.

Não é o suficiente, porém, para manchar o aniversário de Brasília.

A repulsiva agressão praticada por cinco rapazes desvairados não elidirá o que verdadeiramente representam estes 37 anos de História da capital dos brasileiros. São quase dois milhões de pessoas que hoje trabalham duramente pela construção de uma cidade melhor e de um Brasil maior, alcançando êxitos inimagináveis poucas décadas atrás. A eles devemos somar ainda os que por aqui estiveram e já se foram, deixando no atual Distrito Federal as marcas indelévels de sua passagem.

São milhões de brasileiros que por aqui estiveram e aqui estão, apostando no futuro. E, em grande parte, vendo realizadas as mais altas de suas aspirações. Brasília é uma cidade que dá certo. Mais do que nunca, é a capital da esperança.